

Metáfora e Ortofemismo na Representação de Assunto

Fabio Assis Pinho
Universidade Federal de Pernambuco
fabiopinho@ufpe.br

Suellen Oliveira Milani
Universidade Estadual Paulista
suellenmilani@marilia.unesp.br

Introdução

O indexador, no desenvolvimento de suas atividades profissionais, organiza a informação, *rotulando-a*, o que, no mais das vezes, ocorre permeado por certa subjetividade, que decorre do contexto cultural e ideológico do próprio indexador e do sistema de informação em que se insere. Ao representar assuntos e atribuir nomes ou rótulos ao conteúdo tópico dos documentos, os indexadores constroem substitutos documentais (por exemplo: índices, resumos e notações de classificação) e, para tanto, valem-se daquilo que Olson (2002:4) denomina como *poder de nomear*, voltado a “[...] controlar a representação de assunto e, por tanto, seu acesso”. Dessa forma, tornam-se necessários procedimentos que possam contribuir para minimizar a subjetividade na indexação - mormente no que se refere às possibilidades de danos ao usuário dela advindas - e encontrar garantias para que o rótulo a ser atribuído àquele documento seja técnica e culturalmente adequado.

Um dos aspectos que evidenciaríamos a subjetividade na indexação, como aponta a literatura, são as metáforas na indexação as quais, como destacam Berman (1993), Olson (2002), Guimarães (2006) e López-Huertas (2008), entre outros, podem levar a vieses na representação, envolvendo problemas relativos ao preconceito, proselitismo, questões de gênero, categorizações dicotômicas e ausência de precisão terminológica, sendo que este último é objeto da presente discussão.

Indo além das discussões relativas à precisão como medida de recuperação da informação (Chaumier, 1988, Lancaster, 2003), observa-se que a falta de suficiente precisão terminológica pode disfarçar o preconceito na representação e, conseqüentemente, influenciar negativamente a recuperação da informação. Uma vez que uma linguagem de indexação deveria ser elaborada, dentre outros aspectos, a partir da terminologia específica do domínio a que se destina, tem-se, na contramão, que um termo errônea ou equivocadamente incluído em uma linguagem de indexação pode

levar a uma representação preconceituosa, evidente ou dissimulada. Isso também pode ocorrer no momento da análise de assunto, quando o indexador identifica conceitos no documento a partir dos quais irá consultar a linguagem de indexação.

Pelo fato de os termos selecionados para representar os conceitos extraídos dos documentos possuírem características ortofêmicas, isto é, buscam referenciar expressões diretas ou neutras, pouca atenção tem sido dada, no contexto da indexação, às figuras de linguagens utilizadas por comunidades discursivas específicas. No entanto, e com respaldo nos estudos da Sociolinguística relativamente às inerentes variações da língua, que dela fazem algo não rígido, torna-se necessário levar em conta as relações existentes entre a língua e a condição social do falante, analisando os fatores socioculturais (Preti, 2000), o que leva a que, no presente estudo, se busquem alternativas para o enquadramento das metáforas no âmbito da representação de assunto.

A metáfora e o ortofemismo

A literatura científica de domínios do conhecimento específicos encontra-se permeada por metáforas, a exemplo do que ocorre na linguagem cotidiana, como é o caso das temáticas relativas às mulheres ou à homossexualidade masculina que, por vezes, têm sido representadas de maneira genérica, prejudicando o reconhecimento, em instrumentos e atividades de representação, dessa subcultura e, conseqüentemente, uma representação incorreta.

Metáfora (do grego *metá* que significa trans e *phérein* que quer dizer levar) consiste em uma mudança de sentido, uma transferência ou transposição (Pereira, 1976). As metáforas podem adotar várias formas, dependendo do efeito que se deseja alcançar, do conteúdo que se quer veicular, do tempo disponível, do interlocutor ou do grupo de ouvintes.

Sob o rótulo de metáfora, Aristóteles coloca todo o tipo de figura de transferência de significado, isto é, as sinédoques particularizantes e generalizantes, a metonímia e a metáfora propriamente dita. Contudo, a denominação metafórica também opera nos processos de eufemismo e de disfemismo, uma vez que, sua característica é “[...] a motivação que designa seres ou objetos pouco conhecidos e os associa a outros mais conhecidos que se assemelham pela forma” (Guiraud, 1975: 61).

Eufemismo (do grego *euphemismos* que significa bem dizer) é uma figura de retórica que visa à substituição de um termo desagradável por outro que o amenize. Usa-se o eufemismo para disfarçar os sentimentos desagradáveis, os pensamentos cruéis

ou as palavras consideradas como tabu. De alguma forma, o eufemismo retrata uma forma puritana de expressão que quer fugir da representação da realidade que pode vir a ser cruel ou agradável (Ceia, 2005). Dessa forma, eufemismo é o “[...] modo de dizer ou sugerir de forma dissimulada ou com decoro ideias cuja reta e franca expressão seriam duras ou soariam mal” (Casares, 1959: 372).

Por outro lado, o disfemismo consiste em uma expressão com conotações ofensivas, quer sobre o *denotatum* (objeto ao qual se refere à expressão linguística) ou sobre o público, ou ambos. Segundo Mascarenhas (2005), “*Dysphemia* era para os gregos a palavra de mau agouro, ato de pronunciar palavras de mau agouro, palavras más, de desgraça. Considera-se disfemismo o uso de palavras ou expressões de caráter rude, repugnante, desagradável, agressivo ou horrível”.

Chamizo Domínguez (2004: 45) explica que uma determinada palavra será entendida como um eufemismo a partir do momento em que o contexto permita isso, não dependendo da palavra em si, mas do contexto e do uso que se faz dela através das intenções dos emissores. Estende-se essa explicação para os disfemismos, uma vez que a fronteira entre tais conceitos é tênue. Do ponto de vista sincrônico, tal fator implica dizer que um eufemismo não pode ser utilizado em qualquer outro contexto e continuar surtindo os mesmos efeitos cognitivos, estilísticos e sociais (Chamizo Domínguez, 2004).

Considerando que qualquer comunidade discursiva pode fazer uso da metáfora enquanto um recurso linguístico, Orrico (2001) discute que o uso da figura de linguagem pode aumentar a precisão das respostas de uma demanda específica por informação em bibliotecas. Para tanto, ela propõe um metafiltro (Orrico, 2001: 125) cujo eixo norteador é o semântico, pois entende que o ser humano representa a si mesmo e o mundo usando metáforas. Com isso, a autora baseia-se em duas esferas fundamentais que é a do discurso e a da identidade, ou seja, é no discurso e através das figuras de linguagem que o grupo pode construir sua identidade. A metáfora pode, então, estabelecer relações de significação.

Os discursos são permeados por eufemismos e disfemismos, os quais foram apropriados pelos indivíduos de um grupo para descaracterizar palavras que, então, assumiriam novos significados. Essa apropriação de termos significa o entendimento de que o grupo é marginalizado e esse fator é combatido com uma nova interpretação do termo. Ignorar isso, seria ignorar a própria formação de identidade desse grupo. Por

isso, eufemismos e disfemismos devem ser considerados pelos bibliotecários no momento da indexação.

Já o ortofemismo é o processo pelo qual as palavras atuam em seu sentido mais estrito, o que é relativamente comum na maioria das esferas sociais. Allan e Burrige (2006:2) criaram o termo ortofemismo (grego *ortho* - 'adequado, direto, normal', conforme ortodoxo) “[...] com o objetivo de referenciar expressões diretas ou neutras que não são delicadas, evasivas ou demasiadamente educadas (eufemística) nem ásperas, contundentes ou ofensivas”.

Ortofemismo pode ser entendido simplesmente como expressões diretas. Esse conceito traz à baila os conceitos de adequado, apropriado e normal aos atos linguísticos. Tanto o ortofemismo quanto o eufemismo referem-se a palavras ou frases usadas como alternativas a expressões não preferidas ou desfavoráveis. Essas palavras ou frases são entendidas como sendo mais apropriadas em contraste ao disfemismo, que pode ser considerado como tabu.

Assim, o ortofemismo é mais direto, formal e literal do que os seus correspondentes eufemísticos, os quais são mais coloquiais, figurativos e indiretos. Um simples exemplo sobre as metáforas aqui discutidas seria relacionado ao assunto tabu da morte, amparado pela expressão eufemística *passar dessa para melhor* e disfêmica *bater as botas*. O equivalente ortofêmico à essas metáforas seria *morrer*.

Conclusão

As figuras de linguagem, no âmbito de determinadas comunidades discursivas ou domínios do conhecimento, são importantes e podem desempenhar papel decisivo - seja positiva ou negativamente - na representação de assunto. Por isso, o que propomos, em última instância, é que as representações oriundas de figuras de linguagem sobre determinada área do conhecimento, como forma de o ser humano identificar o mundo, obedeçam a algumas regras estabelecidas pela comunidade que com ela lida. Essas representações, portanto, 'sujeitam-se' a regularidades que podem servir para organizar os conceitos da área (Orrico, 2001).

O uso das metáforas é impulsionado por várias razões, como por exemplo, o desejo de não ofender, a necessidade de demonstrar uma identidade de grupo ou, ainda, para dissimular a realidade e, dessa maneira, evitar consequências danosas. O ortofemismo, por sua vez, consiste em uma palavra ou expressão usada como alternativa a expressões não preferidas.

Uma vez que “[...] o que em dada época é entendido como eufemístico, pode mais tarde ser considerado disfemístico” (Mascarenhas, 2005) e vice-versa, a presença de termos eufemísticos e ortofêmicos na prática da representação de assunto apresentaria indícios de como determinadas comunidades discursivas estão organizadas, inclusive encorajando a sua preservação cultural. É importante ressaltar que se os eufemismos e os disfemismos podem conter preconceitos, os ortofemismos podem conter indícios excessivos do politicamente correto.

No âmbito da representação de assunto, o uso de eufemismos e ortofemismos podem auxiliar a recuperação da informação de necessidades mais específicas, conferindo mais garantia cultural ao sistema nos moldes propostos por Beghtol (2002).

Referências

Allan, Keith e Burridge, Kate. 2006. *Forbidden words: taboo and the censoring of language*. New York: Cambridge University Press.

Beghtol, Clare. 2002. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation* 58n5: 507–32.

Berman, Sanford. 1993. *Prejudice and antipathies: a tract on the LC subject heads concerning people*. Jefferson: McFarland & Company Inc. Publishers.

Casares, Julio. 1959. *Diccionario ideológico de la lengua española: desde la idea a la palabra; desde la palabra a la idea*. 2. ed. Barcelona: Ed. Gustavo Gili.

Ceia, Carlos. 2005. Eufemismo. In: CEIA, C. (Org.). *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/eufemismo.htm>>. Acesso em: 02 maio 2008.

Chamizo Domínguez, Pedro J. 2004. La función social y cognitiva del eufemismo y del disfemismo. *Panace@* 5n15: 45-51.

Chaumier, Jacques. 1988. Indexação: conceitos, etapas e instrumentos. *Revista Brasileira Biblioteconomia e Documentação* 21n1/2: 63-79.

Guiraud, Pierre. 1975. *A semântica*. São Paulo: Difel.

Lancaster, Frederick Wilfrid. 2004. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2. ed. rev. atual. Brasília: Briquet de Lemos.

López-Huertas, Maria José. 2008. Some current research questions in the field of knowledge organization. *Knowledge Organization* 35n2/3: 113-136.

Mascarenhas, Isabel B. Disfemismo. In: CEIA, C. (Org.). *E-dicionário de termos literários*. 2005. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/eufemismo.htm>>. Acesso em: 02 maio 2009.

Orrico, Evelyn Goyannes Dill. 2001. *Binômio Linguística-Ciência da Informação: abordagem teórica para elaboração de metafiltro de recuperação da informação*. Doctoral dissertation, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil.

Olson, Hope A. 2002. *The power to name: locating the limits of subject representation in libraries*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher.

Pereira, Isidro. 1976. *Dicionário grego-português e vice-versa*. Porto: Livraria apostolado da Imprensa.

Preti, Dino. 2000. *Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura*. São Paulo: EDUSP.